

PEDAGOGIA FREIREANA: UMA ANÁLISE DO NOVO MODELO DE ENSINO RELIGIOSO E SUA APLICABILIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

José Lima de Alencar¹
Maria Alice da Cruz Oliveira²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a influência dos princípios norteadores da pedagogia de Paulo Freire nos paradigmas do novo modelo de Ensino Religioso na sociedade contemporânea, fundamentados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), cuja aplicabilidade vai contribuir como meios para construção de uma cultura de paz nas escolas, visando uma educação integral, formação de seres humanos plenos, repletos de valores éticos, solidários e humanos, capazes de superar todas as situações oriundas do mundo pós-moderno. Por isso, é preciso trazer para salas de aula temáticas sobre a luta pela vida, sem dissociar da visão do mundo real, do sentimento e da cidadania. Considera o novo modelo de Ensino Religioso intimamente inserido à pedagogia de Paulo Freire por estar caracterizada ao aspecto humanista, problematizador, libertador e dialógico, centrado na autonomia, na indignação, na ação e na esperança. Trata-se de um novo modelo de educação como processo transformador do mundo onde se vive com os demais, priorizando o ensino da vida, caminhos que levam à felicidade, ao verdadeiro sentimento da existência humana e a ruptura com aquele sistema educacional que promovia a domesticação e alienação aos apelos de Deus na história do mundo. Assim, por meio de um levantamento bibliográfico, baseado em referenciais teóricos, considerou-se a educação como parte inerente da vida sociocultural do indivíduo, que leva a refletir não apenas para a responsabilidade da escola, mas como tarefa dos vários agentes sociais, dentre os quais a família, buscando priorizar o caráter de universalidade, na busca de uma melhor convivência dentro de um mundo plural, em que educadores e educando se tornem, cada vez mais, sujeitos de suas ações, na construção de caminhos para si e o coletivo como um todo.

Palavras-Chave: Ensino Religioso; Universalidade; Relação interativa.

INTRODUÇÃO

Discutir religiosidade em nossa denominada sociedade pós-moderna vai se configurar uma necessidade diante das crises existenciais e sociais que se apresentam na atualidade, pois é na religião que grande parte da sociedade vai procurar respostas para as dificuldades que se

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2014-2015). Bolsista pela FAPESPA. Pós-graduado em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Pará – UFPA; Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduado em Filosofia pela Faculdade Pan Americana – FPA. E-mail: limatabocal@yahoo.com.br.

² Mestranda em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará – UEPA (2014-2015). Pós-graduada em Gestão e Docência na Educação Superior -UNAMA; Graduada em Geografia UFPA; Licenciada em Ciências da Religião, pela Universidade do Estado do Pará- UEPA. E-mail: alicymary@yahoo.com.br.

apresentam no cotidiano dos indivíduos. Diante dessa grande inconstância social e religiosa presente no cotidiano da sociedade, o ensino religioso, enquanto área do conhecimento tem como objetivo proporcionar ao educando o conhecimento do patrimônio cultural existente nas diversas tradições religiosas, compreendendo a pluralidade e a diversidade cultural presente na dinâmica da sociedade.

Notavelmente, o ensino religioso vem se modificado desde o Brasil Império, chegando à contemporaneidade, por meio de paradigmas, que vão se renovando de acordo com as mudanças sociais, levando a uma diversidade de modelos, métodos e práticas, para serem utilizados em sala de aula. Assim, não obstante à complexidade do assunto, podemos inferir que o novo modelo do ensino religioso, tendo como pressupostos os fundamentos inspirados na pedagogia de Paulo Freire, apresentam os princípios norteadores pedagógicos e os fundamentos filosóficos como base referencial para o novo modelo de Ensino Religioso previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96).

Desta forma, este trabalho se apresenta como resposta concreta da necessidade educacional brasileira, particularmente sentida pelo professor de Ensino Religioso da rede pública e/ou privada, que aspira por mudanças e transformações por um mundo melhor. Por isso, o modelo do Ensino Religioso Escolar pretende ser uma contribuição a respeito do que podemos fazer no contexto educacional para a construção de uma educação integral, e conseqüentemente a formação de seres humanos plenos, repletos de valores éticos, solidários, humanos e capazes de superar todas as situações da realidade pós-moderna em que vivemos.

As considerações que serão apresentadas nesta abordagem não esgotarão a discussão em torno do papel do ensino religioso e de sua dimensão no âmbito e no processo escolar, em ensinar a alegria e o sentido de viver com responsabilidade, dignidade e solidariedade humana. Nesse sentido a temática da religiosidade no contexto educacional vai se configurar como de extrema importância para entender e compreender de forma favorável, como se dá a conquista de espaço, permitindo a construção de uma visão holística, pautada na formação de seres conscientes de suas ações.

Assim, no intuito de alcançar os objetivos propostos, estruturamos este artigo da seguinte forma: no primeiro momento, segunda seção, tecemos algumas reflexões de análise ao entorno do novo modelo de Ensino Religioso. Em seguida, na terceira seção, fazemos uma abordagem do Ensino Religioso como encantamento, relacionando-o às contribuições da pedagogia de Freire para este campo de ensino e área de conhecimento. Na quarta seção, analisamos a importância do Ensino Religioso na contemporaneidade. E, em última análise, abordamos alguns aspectos, considerados relevantes acerca do tema em questão.

1 CONSTRUINDO AS REFLEXÕES DE ANÁLISE

Insistimos na expressão “Ensino Religioso” para dar-lhe o caráter integrativo como disciplina ou matéria de um currículo escolar, pois vai proporcionar ao educando, uma abertura para o conhecimento do outro, do diferente, para que ocorra essa abertura, se fazem necessárias mudanças, tanto pelos educadores quanto pelas instituições de ensino. Se o compromisso de construir a dignidade humana é provocar uma atitude interdisciplinar, o Ensino Religioso Escolar tem algo a dizer, desde que não caia em falsos moralismos, dogmatismos ou uma postura meramente conteudística e reduzida ao individualismo. Por isso, de acordo com os parâmetros curriculares nacionais,

O Ensino religioso é uma reflexão crítica sobre a práxis que estabelece significados, já que a dimensão religiosa passa a ser compreendida como compromisso histórico diante da vida e do transcendente. E contribui para o estabelecimento de novas relações do ser humano com a natureza [...]. É a reflexão a partir do conhecimento que possibilita uma compreensão do ser humano com o finito. É na finitude que se procura fundamentar o fenômeno religioso que torna o ser humano capaz de construir-se na liberdade (FONAPER, 2006, p. 21).

A educação para a religiosidade, o respeito mútuo, a visão holística, participação, entre outros, é competência do Ensino Religioso Escolar, que vai contribuir para a formação do cidadão, pois se a religião faz parte de todas as culturas, ignorá-la seria deixar de lado esse componente que se faz essencial ao ser humano. Por isso, o valor da religião deve ser sentido por todos os seres humanos que buscam e sonham com um mundo onde a vida esteja presente em todas as formas de relações.

O Ensino Religioso tem a sua especificidade, sua organicidade, sua sequência, e uma metodologia própria, pois a prática do professor para se tornar eficaz, não necessita só da organização de conteúdos a ser apresentado, contudo seus desafios são ir além, buscando uma relação de abertura e respeito do educando, onde possa promover a autonomia para a construção do saber. A esse respeito, Freire (2001, p. 106) assim se refere:

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente [...]. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construo a minha autonomia em respeito a dos outros.

Conforme afirmação do autor, o conhecimento se constrói baseado na troca de saberes, levando em consideração o que já se sabe juntamente com o que se aprende do outro. Ou seja, os saberes se complementam, a partir das experiências trocadas entre os sujeitos, dentro de uma visão dialógica da educação.

Sendo assim, para realizar-se como uma verdadeira matéria escolar deve ter muita clareza dos objetivos que quer atingir, bem como da própria metodologia que deve ser ativa na direção de provocar um processo sistemático de ação-reflexão. É urgente que seja revisado o que se está fazendo na prática do dia-a-dia, pois não é competência de o Ensino Religioso Escolar fazer catequese, aqui entendida como a educação da fé explícita.

A Educação da Fé explícita supõe uma resposta do cidadão que seja livre, íntima, consciente e pessoal. Ela deve se dar no interior do ser humano, de tal modo que possamos respeitar esse fundamento como condição para que ocorra uma educação integral para a prática da cidadania. A instituição, por outro lado, pode e deve ter sua identidade. Quanto mais exigente e coerente ela for, na direção da construção de uma sociedade justa e livre, mais os sujeitos que vivem no cotidiano desse ambiente escolar viverão a prática da liberdade e o compromisso com a justiça.

Por isso, neste contexto que se insere o educador, que também possui uma opção exigente de vida, o educando busca no adulto, modelos e referências, cuja identificação deverá estar ligada às perspectivas de realização de seus sonhos, de suas utopias e convicções do que diz e de como vive aquilo que anuncia. Ou seja, o educador de Ensino Religioso, nada mais nada menos deverá se apresentar ao seu educando como “espelho” motivador que favoreça condições necessárias para o desenvolvimento integral deste educando.

Visto por este lado, tanto a instituição quanto o educador devem respeitar e conviver com o mundo pluralista em que vivemos, pois isto se configura como condição para a manifestação da liberdade de expressão, de uma educação sem discriminação, num momento em que alguns segmentos religiosos tendem para o dogmatismo e o fundamentalismo. É importante que busquemos, através do ensino religioso, trabalhar no sentido de criar novas mentalidades de convivência humana, vivenciada e nunca violentada, pois, caso contrário, violentar a consciência seria impedir que o sujeito pudesse fazer livremente sua opção religiosa, assim como privá-lo ao direito de fazê-la.

Partindo por este prisma, o Ensino Religioso vai se comprometer na defesa da vida, na recuperação das experiências vivenciadas, na inter-relação com o outro, no cultivo dos valores humanos, na experiência com o sagrado, como forma vivenciada, praticada e sentida como experiência pessoal, que vai contribuir para compreensão e diálogo com o outro, independentemente da forma como ele pensa, sente e age. Isto significa compreender o compromisso com a vida que todos os educadores do Ensino Religioso deverão ter, pois isto é de fundamental importância para que os educandos encontrem nos espaços de sala de aula este empenho de fazer, aqui e agora, um lugar onde transpareça um mundo marcado pela

sensibilidade, solidariedade e querer bem, de tal modo que a realização humana seja a expressão daquilo que se crê e que se faz na vida em sociedade.

Nessa nova concepção de Ensino Religioso o educador vai procurar mostrar os vários meios para o homem chegar ao transcendente, e esse fato é verificável em todos os povos da terra. A religião por um lado é vivência e encontro do homem com o sagrado; por outro, é resposta deste homem a comprometer-se com a vida e com a prática da liberdade.

Coma isso, o aluno terá a oportunidade de conhecer a existência de outras formas de manifestações religiosas, e concomitantemente, as aulas serão momentos, em que o conhecimento será sistematizado dentro de suas próprias concepções, sobre a tradição religiosa a qual faz parte. Portanto, se faz necessário trazer à sala de aula experiências que falem do encantamento e da luta pela vida, sem, no entanto, dissociarmos da visão do mundo, da realidade, do sentimento e da cidadania.

2 O ENSINO RELIGIOSO COMO ENCANTAMENTO

Partimos do pressuposto de que o Ensino Religioso como encantamento se manifesta como algo que causa envolvimento, que se vê e se ouve, podendo despertar ainda admiração, emoção, alegria e satisfação. Assim, diante de tantas atrocidades, terrorismo, fundamentalismo e desigualdades sociais em todo o mundo é urgente que se crie o novo, algo que cabe o inédito viável de Paulo Freire (1985), para garantir a transformação do planeta e um mundo melhor às novas e futuras gerações.

O Ensino Religioso como encantamento se manifesta repleto de significado e sentidos que buscam conscientizar a todos que não existe mais tempo para a divisão, para o sectarismo, para o proselitismo e para a exploração do mais fraco pelo mais forte. Trata-se da proclamação de um amor que é universal, o único sentimento que une todas as religiões e a humanidade.

Nessa direção, o saudoso educador por excelência em sua pedagogia dialógica já previa mudanças paradigmáticas, considerando que “todos os seres humanos são incompletos e inacabados”. Os seres humanos se completam convivendo com os outros e trabalham o seu inacabamento pela educação permanente ao longo de toda vida (ROMÃO, 2007, p. 14). Porém, não se trata de uma incompletude acabada, limitada, pois, ao mesmo tempo em que ser humano se encontra incompleto, este está em constante construção da vida e do mundo que o cerca.

Assim, dentro desta visão freireana, o diálogo se apresenta como instrumento fundamental de modo que, sem o qual, fica inviável ocorrer o processo de humanização, pois

os seres humanos se completam na busca constante da plenitude, que mesmo sem ser alcançada, necessariamente passa pelo processo dialógico que se manifesta, por um lado, no diálogo entre os seres, que vão comungar da conscientização e, por outro, na relação desse coletivo com o mundo, haja vista o diálogo ser indispensável ao ato cognoscente.

A esse respeito sobre o encantamento na aprendizagem do Ensino Religioso, Oleniki e Daldegan (2004, p. 14) se expressam nos seguintes termos:

No processo de ensino-aprendizagem do Ensino Religioso o encantamento será a mola motivadora que favorece, educador e educando, a reconhecer, pelo prisma do conhecimento e do respeito, o seu universo religioso e o do outro. Este aprendizado pode tornar-se o ponto-chave para construir uma cultura de paz em diferentes ambientes e consequentemente entre povos.

Partindo dessa análise, não é fácil verificar o quanto este novo modelo de ensino religioso precisa estar voltado para o ser humano, ou seja, que se insere intimamente ligada à pedagogia freireana, caracterizada por seu aspecto humanista, problematizador, libertador, dialógico, centrado na autonomia, na indignação, na ação e na esperança. Logo, não há como não incluí-la neste novo modelo de Ensino Religioso que prioriza o ensino da vida, os caminhos que levam à felicidade, o verdadeiro sentimento da existência e a ruptura com aquele sistema educacional que promovia a domesticação e alienação aos apelos de um *Deus onipotente* na história do mundo.

Freire propõe, sobretudo, uma educação que perpassa pelo viés dialógico, deixando de lado o sentido de educação verticalista e bancária onde o educando apenas recebe conhecimentos prontos e acabados. Ou seja, sua concepção educacional inserida ao novo modelo de ensino religioso, necessariamente, deverá levar em consideração o ato de ensinar e o aprender em constante interação e construção do conhecimento mútuo. Assim, visto de forma contrária,

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez dessas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece, na absolutização da ignorância daqueles, a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, [...] reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, [...] a descobrirem-se educadores do educador (FREIRE, 2003, p. 67).

Para Freire, através do processo dialógico na educação jamais haverá o esgotamento da relação *eu-tu* uma vez que o diálogo entre ambos será o caminho para que juntos possam construir sonhos e realidades possíveis a partir de uma educação caracterizada como a prática

da liberdade, ato de conhecimento, consciência crítica da realidade em que vivem (FREIRE, 2003).

Ação pedagógica como práxis dialógica, segundo Freire deverá estar voltado para a experiência, rompendo com o verticalismo pedagógico (BALBINOT, 2006, p. 101).

O pensamento pedagógico freireano tem “como referencial o ideal normativo da humanização. Busca uma pedagogia para a humanidade” (Ibidem, p. 109), a qual deverá ser uma ação pedagógica que parta primeiramente do oprimido, ou seja, desmistificação de relações bancárias e opressoras para a construção dialética do conhecimento.

O projeto pedagógico freireano (ser humano com a história) mostra que o ser humano por ser histórico, se constrói na sua historicidade. Isso implica em afirmar que seu projeto pedagógico, assume como seu entorno fundamental o problema humano. O ser humano, por sua própria natureza existencial, é um ser pedagógico. A educação, por isso, precisa ter um ideal para além do projeto social vigente. Isto é, precisa ter como projeto o próprio ser humano como *ser mais* (Ibidem, p. 123).

Por isso, o novo modelo de Ensino Religioso deverá contemplar a base das ações entre aluno e professor, pois, de acordo com Morin (2001, p. 55), “É a unidade humana que trás em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”.

Desta forma, sendo o novo modelo de Ensino Religioso concebido como a compreensão da unidade humana na sua diversidade, haverá muito mais valorização da vida por este ser humano que essencialmente é também um ser religioso. E, assim, o Ensino Religioso servirá de ponte que norteará este horizonte, que se fará no compromisso assumido por todas as confissões religiosas, que, inegavelmente, visam o bem da humanidade.

O novo modelo de Ensino Religioso jamais deverá se afastar da visão de mundo, da realidade do educando e do educador. Este deve manifestar toda uma visão dinâmica e processual da vida, considerando as dimensões afetivas, físicas, intelectuais, sociais e religiosas às quais permeiam o dia-a-dia dos sujeitos educacionais em questão. Por isso, é fundamentalmente importante que se tenha um marco de referências a respeito das grandes questões urgentes e emergentes a serem refletidas na sala de aula.

Porém, nesta nova proposta de Ensino Religioso, deixamos bem claro que refletir não significa simplesmente discutir. Ao contrário, a atitude reflexiva trata-se de algo que nos exige leitura, aprofundamento, silêncio, abertura às mudanças, busca de novos rumos, querermos mais e nos *inconformarmos* mediante a realidade em que vivemos. Por isso, a partir desta busca e

cultivo da atitude reflexiva, tanto no professor quanto no aluno, alcançaremos um processo de ensino-aprendizagem eficaz e satisfatório.

Neste viés do novo modelo de Ensino Religioso, compreendemos que a análise de temas diversificados que discutem, por exemplo, perda da identidade cultural, manipulação e monopólio da informação, relações de gênero, ideologias entre outros, importantes contribuições para a formação de nossos alunos, como critérios humanizadores, capazes que possibilitar-lhes o pensamento crítico e reflexivo das suas ações nas relações com os demais indivíduos.

Ainda neste contexto da diversidade religiosa, recorremos ao artigo 33 da LDB que delega ao Ensino Religioso a responsabilidade de “assegurar o respeito à diversidade religiosa cultural do Brasil” (BRASIL, 2006), deixando claramente vetado qualquer espaço para o proselitismo (CORDEIRO, 2004, p. 30). E, como entendemos o respeito à diversidade cultural-religiosa nada mais significa o respeito aos direitos humanos. Assim, o compromisso para com os educandos, em vista de que estes sejam cada vez mais sujeitos de suas próprias ações e construtores de novos caminhos para si mesmo e para a coletividade estão presentes tanto no novo modelo de Ensino Religioso quanto na pedagogia freireana.

Freire concebia a educação como um processo de formação de verdadeiros seres transformadores, capazes de tentarem mudar o mundo. Seres que não se situam somente no mundo, mas com o mundo e com os outros, interferindo no mundo e não apenas mexendo com ele. A pedagogia de Paulo Freire apresenta-se como humanista, problematizadora, libertadora, dialógica, da pergunta, da autonomia, da esperança e da indignação, fundamenta-se na filosofia do existencialismo e do personalismo. Para Freire (1989 apud GADOTTI, 2000):

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam assumir a educação como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação.

A educação como atividade especificamente humana faz parte inerente da vida sociocultural do indivíduo. Pela educação o indivíduo é integrado à cultura e à sociedade existente, mas simultaneamente a educação possibilita a intervenção do ser humano no processo de mudança social. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96, art. 22), “A educação tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a

formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 2006).

A própria concepção de educação é construída e constituída a partir de uma concepção de ser humano em relação ao mundo, é interagir na vida do educando, transformar valores e não se omitir diante do diferente, mas proporcionar a compreensão do que seja importante para si e para o outro, pois os fins da educação são definidos em função dessa mesma concepção; isto é, levando-nos a refletir que a educação não é apenas responsabilidade da escola ou do profissional da educação, mas, tarefa de vários agentes sociais, na historicidade do processo educacional.

Educar, nessa direção, é compreender que direitos humanos, cidadania, atitude de alteridade em relação ao conhecimento religioso pessoal e ao entendimento do outro, vai contribuir para o desenvolvimento do educando, tornando-se um cidadão que vá promover a paz e a fraternidade. Esses aspectos significam prática de vida em todas as instâncias de convívio social dos indivíduos, sejam eles, na família, na escola, no trabalho, na comunidade, na igreja e no conjunto da sociedade. É trabalhar com a formação de hábitos, atitudes e mudanças de mentalidades, calcada nos valores da solidariedade, da justiça e do respeito ao outro, em todos os níveis e modalidades de ensino, pois a escola é um lugar privilegiado para educação em direitos humanos, porque é onde se dá a interação cultural e a formação para a convivência social. Ela se encarrega de transmitir cultura às novas gerações, por isso, valores e hábitos.

Compreendemos que o novo modelo de ensino religioso perpassa necessariamente por “situações de aprendizagens cooperativas que promovam a troca de experiências entre os educandos [...] para aprofundar e atualizar o conhecimento religioso, entendendo-o como parte da pessoa, favorecendo um convívio social pacífico e o reaprender a viver em ‘comunidade’[...] entendendo as diferenças” (OLENIKI; DALDEGAN, 2004, p. 19).

Diante do exposto, nos parece correto afirmar que o ensino religioso moderno eficaz, encontra-se todo embasado na pedagogia Freireana, que predominam a prática da liberdade, a posição crítica e a consciência da realidade como fatores imprescindíveis à compreensão de que o homem está no mundo em uma eterna e constante relação, interativa, construtiva e transformadora.

Por fim, esta análise não estaria completa se não comentássemos a atitude dialogal no Ensino Religioso, também inclusa na pedagogia Freireana, que tem como objetivo a transmissão de valores éticos, como o respeito, a fraternidade e o aprofundamento do conhecimento da existência humana, o que só pode ser ensinado na prática e não somente em conteúdos bibliográficos.

3 ENSINO RELIGIOSO NA CONTEMPORANEIDADE

Na atualidade o novo modelo de Ensino Religioso vai levar o professor a estar sempre atento à linguagem que será utilizada em sala de aula, pois o proselitismo é vetado e não faz parte desse novo modelo. O objetivo é que seja trabalhado o conhecimento das diversas tradições visando a construção da cultura e do respeito. Nesse contexto a linguagem vai contribuir para que ocorra um diálogo com o diferente.

Tanto a instituição quanto o educador, devem respeitar e aprender a conviver com o mundo pluralista, onde se observa uma diversidade cultural muito variada, que se apresentam dentro das características do mundo pós-moderno em que vivemos. Ao nascermos, e com nossa experiência de convivência no início de nossas vidas, vão nos levar a entender que somos ímpares, ou seja, diferentes das outras pessoas e do mundo.

Em relação às suas contribuições na contemporaneidade, Freire (2001, pp. 58-59) se apropria do conceito de historicidade. O mesmo se expressa da seguinte forma:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. [...] Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo (apud ROMÃO, 2007, pp. 36-37)

Ao afirmar que o indivíduo é um ser histórico, Freire, em sua Pedagogia da Autonomia, concebe que cada pessoa não é predeterminada, uma vez que esta é passiva de erros, assim sendo, cada um tem a liberdade e a possibilidade de se auto afirmar como sujeito de sua própria história, tanto individual quanto coletiva.

Assim, nesta sociedade contemporânea, pós-moderna e globalizada, a escola precisa oferecer uma educação que não só a satisfaça, mas a remodele em que a tônica seja a urgência de uma ética à diversidade que se concretize na vivência e nas práticas em defesa da vida. Freire proclama por uma ética universal mundial. Pois, se a ética deve funcionar para o bem de todos, ela deve ser indispensável. Uma ética fundada no pobre e no excluído, no oprimido, na solidariedade, na responsabilidade, no diálogo, na desalienação, na educação libertadora. Finalmente uma ética que vise ao *viver feliz* e ao *bem conviver*.

Para Tiba (1998), o ser humano é essencialmente afetivo com outro ser humano - gosta de amar. E a religiosidade nada mais é do que esse amor quase instintivo pelo próximo. Para o autor em questão, foi através dessa ligação entre as pessoas que foram constituídas às

religiões. Para ele, a religiosidade tem uma função muito grande, é baseada nela que o ser humano cresce e se desenvolve plenamente e feliz.

É isso que o novo modelo de Ensino Religioso, em conformidade com a LDB 9394/96 prevê. Isto é, introduzir no currículo das escolas a vivência da religiosidade como um dos requisitos, para formação de cidadania, possibilitando o fazer da escola, o que ela pode ser como alavanca para o crescimento humano, buscando mudanças significantes no *ser*, tendo o conhecimento quantitativo como um instrumento, e uma ética humanizante como finalidade.

Assim, podemos afirmar que o Ensino Religioso, graças ao enriquecimento com os princípios Freireanos, pode estimular no aluno, o espírito crítico, a reflexão para mudar, para buscar, para querer mais, para sair do comodismo ou da contemplação em busca de algo melhor para si e para a sociedade, na certeza, de que o Ensino Religioso desperta no ser humano o direito de traçar seu próprio destino com autonomia, construindo a reciprocidade e a cooperação assumindo a responsabilidade pessoal e coletiva de que o mundo é de todos e de todo indivíduo.

Neste sentido, de acordo com afirmação de Aresi (1980), o homem se *homifica* pelo espírito e este deve sobrepor-se aos demais, já que ocupa o topo da escala de valores. Desta forma, as concepções religiosas vão influenciar na formação educativa do ser humano, impondo-lhe regras que vão regular tanto o seu comportamento, quanto a estrutura geral dos valores éticos, que irão influenciar nas escolhas e nas decisões dos grupos sociais, pois, afinal, a religião se apresenta como uma das relevantes esferas da sociedade.

O Ensino Religioso nos comprometer na defesa educacional, a entender que o conhecimento ministrado antecede e independe de qualquer opção ou credo religioso, pois uma vez definido o modelo de Ensino Religioso a ser ministrado na escola, nos leva, na condição de professores, a ter uma consciência multicultural dentro desse cenário brasileiro que se apresenta numa multiplicidade de culturas que nos cercam por todos os lados. Neste aspecto, portanto, precisamos nos afirmar como educadores compromissados, tanto com a diversidade cultural quanto pela vida.

Dessa forma, compreendemos que fundamental será o papel da escola na tentativa de resgatar valores éticos e morais no indivíduo, conscientizá-lo da não prática da violência. Por isso, o papel do Ensino Religioso no exercício da cidadania que não pode ser feita de maneira determinista e fechada, pois cabe ao professor fazer uso de sua autonomia, auxiliando o aluno a reconhecer e entender que a vida é diferenciada tanto em coisas intransformáveis quanto em coisas que podem e devem ser modificadas.

É necessário, portanto, que o professor seja capaz de ir além de um simples *transmitir* conhecimentos específicos, ou seja, que possa *conscientizar* o aluno a tratar todos os indivíduos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de bom; fazer com que a escola se torne mais atualizada para que os alunos gostem dela; assim como trabalhar problemáticas que faça parte do seu modo de vida, seu cotidiano e dos direitos humanos, a partir do processo de conscientização permanente, relacionando tais conteúdos ao currículo escolar; e, ao mesmo tempo, incentivando comportamentos de trocas solidárias e dialógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na abordagem aqui desenvolvida partimos da concepção de que a pedagogia freireana se apresenta com grande atualidade para o novo modelo de Ensino Religioso e sua aplicabilidade no contexto educacional da contemporaneidade, sobretudo, pela importância que este campo de ensino e área do conhecimento tem emergido de forma significativa no meio social e no âmbito escolar, buscando, assim, dar uma resposta às grandes problemáticas suscitadas a partir dos parâmetros curriculares nacionais de ensino, bem como de seus diversos temas transversais.

Por isso, compreendemos que educar nessa direção necessariamente devemos levar em consideração que direitos humanos e cidadania significam prática de vida em todas as instâncias de convívio social dos indivíduos, ou seja, na família, na escola, no trabalho, na comunidade, na igreja e no conjunto da sociedade como um todo. Significa, noutros termos, e aqui ratificamos novamente, trabalhar com a formação de hábitos, atitudes e mudanças de mentalidades, levando-se em consideração os valores da solidariedade, da justiça e do respeito ao outro, a fim de que seja construída a cultura de paz, necessária para a harmonia da humanidade e do planeta.

Nesse sentido, compreendemos também que a escola, lugar privilegiado para a educação, local propício para propagação da cultura, princípios e valores, jamais poderá ficar a mercê e refém de uma cultura de morte, da violência e do descaso para com a vida humana que assola o convívio social, comunitário e familiar. Acreditamos sim que a escola, por meio de seus sujeitos educacionais, seja capaz semear, conforme Freire, novos sonhos possíveis, sonhos bons que a pessoa humana possa concretizar, permitindo-lhe preservar, promover e realizar plenamente a sua condição de ser humano.

Ressaltamos ainda que o novo modelo de Ensino Religioso, pautado na *práxis* dialógica freireana, deverá valorizar todas as diversidades e diferenciações humanas, de tal modo que o educando sinta-se potencialmente valorizado e motivado, superando todos os

tipos de mentalidades ideológicas que tendem a impedi-lo de construir a sua história, a partir da sua própria realidade. E, neste sentido, a proposta pedagógica dialógica de Paulo Freire, busca libertar o ser humano das amarras do determinismo neoliberal e das ideologias fatalistas de um mundo globalizado. Ou seja, trata-se de uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade humana e na afirmação dos direitos à vida.

Podemos afirmar, enfim, que o Ensino Religioso, graças ao enriquecimento dos princípios freireano, pode estimular ao aluno o espírito crítico e a reflexão, saindo do comodismo e alienação para a busca de algo melhor para si e ao próximo. O Ensino Religioso hoje, portanto, deverá, acima de tudo, ensinar a defender a vida e a prática da liberdade, na certeza de que despertará no ser humano o direito de traçar seu próprio destino com autonomia, construindo a reciprocidade, a cooperação e, ao mesmo tempo, assumindo a responsabilidade pessoal e coletiva de que o mundo é de todos.

REFERÊNCIAS

Livros:

ARESI, Albino. **Pode-se educar sem Jesus?** São Paulo: Paulinas, 1980.

BALBINOT, Rodinei. **Ação pedagógica:** entre verticalismo pedagógico e práxis dialógica. São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção educação em foco).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 35. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. 17. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida.** São Paulo: Ática, 1985.

GADO'TTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipione, 1989. (Série Pensamento e Ação no Magistério).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez/Brasília: Unesco, 2001.

OLENIKI, Marilac Loraine R; DALDEGAN, Viviane Mayer. **Encantar:** uma prática pedagógica no ensino religioso. 2. edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Ensino Religioso. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. São Paulo: AM Edições, 1997.

ROMÃO, José Eustáquio. **Pedagogia dialógica**. 2. edição. São Paulo: Cortez, 2007.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** São Paulo: Gente, 2002.

Capítulo de livro:

CORDEIRO, Darcy. A evolução dos paradigmas e o ensino religioso. In: SILVA, Valmor da (Org.). **Ensino religioso educação centrada na vida**: subsídio para a formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004.